

## **A juventude de 1968 em debate no romance francês**

Luís Gonçalves

Universidade Aberta / IELT-FCSH/NOVA

A revolta ocorrida em França em 1968 consubstancia-se inicialmente, na sua essência e matriz, num movimento inorgânico surgido da exasperação e do sentimento de frustração da juventude nascida em pleno *baby-boom*. Esta juventude, nomeadamente estudantil, não encontra na sociedade francesa, considerada adormecida e conservadora, solução para os seus problemas. A sobrelotação das universidades, as más condições de estudo, a falta de liberdade sexual são fatores mais impulsionadores do que uma consciência política proveniente do marxismo. Com efeito, para um dos antigos líderes estudantis, Daniel Cohn-Bendit, afirma que a maioria dos estudantes, ao contrário dos grupos minoritários muito politizados, reclama somente mais liberdade para os vietnamitas, certamente, mas sobretudo para eles próprios. (Cohn-Bendit, 2008, p.49).

Na época, os estudantes são mais sensíveis à questão da libertação sexual estudada por um Wilhelm Reich ou à crítica da *Sociedade do espetáculo* descrita por Guy Debord do que ao *Capital* ou ao *Manifesto do Partido Comunista*.

Tal situação reflete-se nos romances franceses que descrevem na sua diegese os debates apaixonados entre personagens, ficcionais ou atores reais. Este artigo debruçar-se-á assim mais especificamente sobre três obras do início da década de 70: *Derrière la vitre* de Robert Merle, publicada em 1970; *Les Deux printemps* de Raymond Jean e *L'Irrévolution*, de Pascal Lainé, ambas de 1971, que revelam através da ficção o retrato político e ideológico dos estudantes de 1968.

Num dos livros publicados por Daniel Cohn-Bendit sobre a revolta estudantil, *1968: A Revolução que tanto amámos!* o antigo líder estudantil entrevista, dezasseis anos mais tarde, vários participantes dos acontecimentos na Alemanha, em França e no mundo. No capítulo «O Proletariado» conversa, nomeadamente, com um antigo camarada do mesmo grupo anarquista, Jean-Pierre Duteuil, evocando o Movimento do 22 março de 1968 ocorrido na Faculdade de Letras de Nanterre. Sobre o que os unia ideologicamente diz Cohn-Bendit: “*Éramos libertários, sentindo o mesmo ódio em relação ao capitalismo e em relação ao comunismo*” e acrescenta sobre o espírito de grupo que é, quer se queira quer não, uma questão geracional: «*sobretudo, vivemos durante dois*

anos com alguns amigos, quase em tribo, passeando entre a Universidade de Nanterre e o Quartier Latin. *Éramos praticamente inesperáveis.*» (Cohn-Bendit, 1988, p.65). Apesar da amizade existente na altura, Cohn-Bendit reconhece desacordos entre os dois, Duteuil combate em nome de um movimento coletivo a personalização da luta que encarna o amigo. Retrospectivamente, Cohn-Bendit interroga-o de forma retórica : «Achas que tínhamos um paleio revolucionário um pouco antiquado em relação à situação e que, na verdade, o nosso discurso datava do século XIX?» (Cohn-Bendit, 1988, p.67).

Em 2008, Daniel Cohn-Bendit regressa às suas memórias dos acontecimentos com um título provocatoriamente intitulado *Forget 68*. Trata-se de esquecer literalmente um momento histórico completamente datado. Sintomaticamente, não é Cohn-Bendit o entrevistador, mas sim o entrevistado. Depois de ter ganho estatura com a sua participação em 68 ganhou estatuto por ser como mencionado na capa deputado europeu. Na entrevista, o jornalista Stéphane Paoli e o sociólogo Jean Viard interrogam-no sobre a importância da célebre fotografia de Gilles Caron onde, em frente à Sorbonne, Daniel Cohn-Bendit olha e sorri para um polícia. Para o entrevistador o sorriso traduz o prazer de viver e torna-se rapidamente o símbolo de Maio de 68, tal como o serão as frases poéticas escritas nos muros de Paris. Cohn-Bendit ao lembrar uma série delas recorda uma anónima que dizia «Je suis marxiste, tendance Groucho» («Sou marxista, tendência Groucho»), irreverência total face à ideologia marxista que era dominante entre o discurso de esquerda, comunista do PCF<sup>1</sup>, trotskista ou maoista.

É um facto que, na segunda metade da década de 60, entre a juventude são difundidas teses muito críticas que advêm em grande parte de uma crescente desconfiança em relação aos países que se reclamam do marxismo-leninismo, exceto Cuba que beneficia ainda de uma aura revolucionária romântica, ou da sua variante maoista que reivindica anacronicamente a herança estalinista. Não é assim de estranhar que a brochura de Mustapha Khayati, *De la misère en milieu étudiant*, que retoma as teses da Internacional Situacionista tenha tido uma tão larga audiência com dezenas de milhares de exemplares impressos. O texto adota um tom provocatório e é arrasador em relação aos gostos dos estudantes que descobrem aquilo que Khayati designa por «cultura moderna» vendida em supermercados e centros culturais. Denuncia a obscenidade pública das várias «igrejas», dando vários exemplos: «semanas do pensamento dito “marxista”, reuniões de intelectuais católicos». Coloca sarcasticamente num mesmo plano filósofos, alguns deles que se declaram marxistas,

---

1 Em termos eleitorais, o Partido Comunista Francês representava 22,5% dos eleitores nas legislativas de março de 1967 e através do seu sindicato estudantil, a UEC, tentava alistar a juventude, nem sempre com muito sucesso na recém-criada Faculdade de Letras de Nanterre onde eclodiu a revolta dos estudantes em 68

críticos literários de escolas opostas, historiadores, sociólogos, antropólogos e cantores da música pop/rock francesa: «Althusser, Garaudy, Sartre, Barthes, Picard, Lefebvre, Lévi-Strauss, Halliday, Châtelet, Antoine» e mistura disciplinas e correntes de pensamento diversos. Exceto alguns nomes icônicos, citados no panfleto e outros como Cornelius Castoriadis ou Pierre Bourdieu, que constituem a cultura intelectual do estudante francês e moldam o seu pensamento, um Herbert Marcuse não é conhecido dos estudantes, *O Homem Unidimensional* só seria editado em França em 28 de abril de 1968 (Loyer, 2008, p.36-38). Num inquérito sobre as leituras dos estudantes, Josane Duranteau, no diário *Le Monde*, de 6 de julho de 1968, constata o seguinte:

Para a maioria dos que interrogámos, é claro que Marcuse só é conhecido pela reputação e de forma indireta e vaga. Ninguém se reclama dele. A ideologia revolucionária é representada por algumas obras de Marx e de Lenine: e mesmo assim, estes são conhecidos essencialmente, ao que parece, pelos estudantes de sociologia, filosofia e história.<sup>2</sup>

Nenhum dos principais dirigentes estudantis de 1968 confessa ter lido Marcuse. Daniel Cohn-Bendit com a frontalidade que lhe é conhecida dizia mesmo: « *Marcuse como mestre do pensamento: que piada. Ninguém entre nós leu Marcuse*<sup>3</sup>. *Alguns lerem Marx, claro, talvez Bakounine, e entre os autores contemporâneos, Althusser, Mao, Guevara, Lefebvre [...] Mas não podemos considerar nenhum autor como inspirador do movimento.*»<sup>4</sup>

Se poucos eram os estudantes que tinham conhecimento direto da obra de Marcuse, já os intelectuais a teriam lido antes de 68, sobretudo as duas traduções francesas de *O Marxismo Soviético* e *Eros e Civilização*. Esta última de 1955, traduzida em 1963, serve de referência implícita a duas personagens de Robert Merle, docentes da Faculdade de Nanterre. Face a Colette Graff, assistente de inglês, que retoma as teses marcusianas sobre a repressão sexual na sociedade de consumo onde o princípio de prazer é sacrificado ao princípio de realidade, Frémincourt, catedrático, contrapõe que a repressão sexual era ainda mais feroz nos tempos dos primeiros colonos nos Estados Unidos e tem uma origem religiosa e não económica como advoga Marcuse. Mais, para esta personagem Marcuse é um moralista que argumenta sem provas e não um sociólogo. (Merle, 2008, p. 316).

2 Esta citação é traduzida por nós, assim como outras que surgem neste artigo, do original francês: «Pour la plupart de ceux que nous avons interrogés, il est clair que Marcuse n'est connu que de réputation, de façon indirecte et vague. On ne se réclame pas de lui. L'idéologie révolutionnaire est représentée par quelques ouvrages de Marx et de Lénine : encore ceux-ci sont-ils connus surtout, semble-t-il, des étudiants en sociologie, en philosophie, en histoire. »

3 No panorama intelectual francês, Henri Lefebvre, dissidente do PCF depois da revolta na Hungria de 1956, publica nos anos 60 *Le Marxisme* na coleção de bolso «Que sais-je?» dos PUF vendido a 300 000 exemplares que serve de vulgata as ideais marxistas junto de um público mais vasto. O que faz dizer a Pierre Rosanvallon que « Lefebvre a été le Marcuse français, préparant d'ailleurs la voie à l'édition ultérieure des deux œuvres majeures de ce dernier dans la collection «Arguments», *Éros et civilisation* puis *L'Homme unidimensionnel*.» (Rosanvallon, 2018, p.35).

4 «*Marcuse comme maître à penser: plaisanterie. Personne chez nous n'a lu Marcuse. Certains lisent Marx, bien sûr; peut-être Bakounine, et parmi les auteurs contemporains, Althusser, Mao, Guevara, Lefebvre [...] Mais on ne peut considérer aucun auteur comme inspirateur du mouvement.* (citado por Combes, 2008, p.103).

Enquanto a obra de Herbert Marcuse é praticamente desconhecida, já a de Louis Althusser, filósofo marxista, professor universitário, afiliado no partido comunista, propõe uma releitura de Marx com o seu *Pour Marx*, publicado em 1965 (Le Goff, 2006, p.421-424) tem alguma audiência. Mesmo assim, quantos estudantes, apesar da sua reputação, terão verdadeiramente lido esta obra de divulgação quando ocorre a revolta de 68?

A literatura francesa irá rapidamente integrar os acontecimentos que mudaram e agitaram a sociedade como é o caso dos três romances deste nosso estudo. Estas obras, que misturam personagens de ficção e protagonistas reais, permitem dar a conhecer por dentro os anseios, a cultura, os debates ideológicos, o fervor discursivo que atravessaram os meses da primavera e verão de 1968. Os autores destes romances ao descreverem factos que ainda estão bem presentes na memória dos leitores aproximam-se o mais possível do que aconteceu. *Derrière la vitre* explora o universo estudantil dando voz e corpo aos principais atores dos acontecimentos ocorridos no dia 22 de março de 1968 e que culminaram com a ocupação da torre administrativa da Faculdade de Nanterre. *Les Deux printemps* descreve numa longa analepse narrativa a noite das barricadas de 10 e 11 de maio de 1968. *L'Irrévolution*, cuja diegese começa no regresso às aulas em setembro de 1968, convoca nalguns trechos memórias dos acontecimentos.

O peritexto de *Derrière la vitre* inclui uma apresentação do romance e um prefácio não datado de Robert Merle. Neste descobre-se que o projeto do livro nasce em novembro de 1967 quando já com sessenta anos o escritor e professor da Faculdade de Nanterre pede aos estudantes para os entrevistar de modo a melhor os conhecer. No decorrer do projeto que visava tão somente falar do quotidiano de universitários acontece o 22 de março de 1968. O resultado será uma cronologia narrativa entre ficção e realidade que acompanha a vida de estudantes entre as 6 horas da manhã e as 23 horas e trinta. O romance prefere não dar a este dia um carácter excecional - o que não deixou de o ser para os 142 ativistas que ocuparam a sala do Conselho da Faculdade – acompanhando as rotinas de estudantes representativos dos cerca de 12 000 inscritos. Porém, o romancista não pode deixar de dar um lugar de destaque aos protagonistas deste dia histórico, não fosse ele autor de romances que não sendo propriamente históricos têm como pano de fundo a História do século XX. *Week-end à Zuydcoote*, vencedor em 1949 com o prémio Goncourt, narra a história de um grupo de soldados franceses durante a evacuação do exército inglês de Dunquerque em maio e junho de 1940. *La Mort est mon métier (A Morte é o meu ofício)*, de 1952, faz de Rudolf Höss a principal personagem relatando a sua vida da infância até à direção do campo de Auschwitz.

Não é por isso de estranhar que, uma obra inicialmente prevista retratar a vida de simples estudantes universitários, se tenha transformado num romance de mais de quinhentas páginas falando também de personagens que se tornaram atores da história contemporânea. Com efeito, conservou o professor decano Pierre Grappin, germanista e diretor da Faculdade<sup>5</sup>, o assessor Beaujeu, o secretário geral Rivière e do lado dos estudantes, Cohn-Bendit, Duteil, Tarnero, Xavier Langlade. As restantes personagens são composições literárias a partir da longa experiência docente de Merle, assim como fruto das entrevistas realizadas onde ecoa o sentimento de incomunicabilidade, de incompreensão e de solidão vivido por muitos jovens. Antes de se atingir o clímax com a ocupação da torre, na parte final do romance, o leitor penetra na esfera privada dos estudantes. Assiste ao seu acordar, às suas rotinas matinais, ao estudo e revisão dos conteúdos com o medo do insucesso num ensino que se massificou com o fenómeno do *baby-boom*. Uma das personagens, Ménestrel, constata que a Universidade se transformou numa fábrica que produz resíduos ao ter 70% de rejeição. Acompanha-se igualmente o acordar de outro estudante, David Schultz, militante anarquista, que dormiu com uma colega na residência universitária das raparigas, beneficiando assim de um regulamento interno recente mais liberal depois de lutas estudantis do ano anterior. Contudo, a situação inversa, raparigas frequentando a residência dos rapazes, ainda não é possível, tornando-se uma reivindicação dos estudantes. O leitor toma conhecimento através de uma conversa entre David e Brigitte, estudante finalista da licenciatura de Alemão, que está em curso um processo de expulsão de “Dany” que uma nota de rodapé revela tratar-se de Daniel Cohn-Bendit (Merle, 2008, p.49) e que este é considerado um «haut-parleur», um altifalante do grupo que toma decisões após debate público. David, mesmo no espaço da intimidade, não consegue esquecer a dialética que apregoa: «*se ninguém sabe exatamente o que se passa e onde vamos, é por que simplesmente existe um certo atraso da teoria em relação à prática.*»<sup>6</sup> Para os jovens comunistas da UEC, Daniel Cohn-Bendit representa um certo folclore revolucionário ao passear em Nanterre uma cruz com duas dúzias de estudantes repetindo: «Che Chesus Christ... Che Chesus Christ... Che Chesus Christ...» (Merle, 2008, p.161). Em vários trechos da diegese é lembrado o célebre episódio que deu notoriedade ao estudante franco-alemão quando este interpela o ministro Missoffe na inauguração

5 Pierre Grappin, humanista e de esquerda, antigo resistente preso e torturado pela Gestapo, foi acusado de nazi e de SS por estudantes. Epítetos injuriosos que reaparecem recordados em vários trechos de *Derrière la vitre*. Sobre as tensões e provocações em Nanterre contra professores ver Le Goff, 2006, p.53-55. No romance de Merle é recordado que ele e mais dois outros professores da Sorbonne, Paul Ricoeur e Sophie Lafitte, saíram da prestigiada universidade da Sorbonne para criarem nos subúrbios a nova faculdade em 1964. Na altura a dimensão da instituição suburbana permitia a inovação com quinze professores e sessenta assistentes para 2 000 estudantes. Três anos mais tarde já são 11 000 estudantes e 200 assistentes (Merle, 2008, p.89-90).

6 Esta e outras frases são traduzidas por nós do francês: «*si personne ne sait exactement ce qui se passe ni où on va, cela témoigne tout simplement d'un certain retard de la théorie sur la pratique.*» (Merle, 2008, p.59).

de uma piscina por este não falar dos problemas sexuais da juventude no seu Livro Branco. Numa conversa na sala dos professores é lembrado este momento e a resposta bem-humorada do ministro que terá aconselhado ao jovem um banho na piscina para resolver os seus problemas. Na mesma conversa entre docentes é recordado também a pronta e insolente réplica de Cohn-Bendit suspeitando o ministro de ter problemas sexuais não resolvidos ou noutra versão, ainda mais ousada, acusando o ministro de impotência. A primeira versão é considerada a mais verosímil por um dos interlocutores e a segunda, constitutiva de um mito. (Merle, 2008, p. 276-277). Um diretor de departamento intervém indignado e argumenta que o estudante alemão depois da alteração com o ministro devia ter sido expulso de França.

Tal como descrito no terceiro capítulo da oitava parte do romance de Merle, durante a ocupação da torre administrativa da Faculdade de Nanterre, Cohn-Bendit trava os excessos prováveis dos cerca de cento e cinquenta camaradas ainda reunidos no átrio ao preferir uma presença simbólica no rés-de-chão em vez de subir à sala do Conselho, no oitavo andar. A habilidade do líder estudantil, como constata David, é saber aparecer e ocupar um lugar de destaque e logo a seguir assumir uma certa discricção. Contradizendo um dos intervenientes que defende a ocupação do último andar até às últimas consequências (repressão policial, prisão, tortura), Dany considera que a ação revolucionária tem como finalidade «o sucesso da Revolução» e não a demonstração de méritos pessoais para obter «a salvação no paraíso dos heróis marxistas». Remata o texto, usando de uma aliteração, que Cohn-Bendit é «Moderado mesmo na moderação»<sup>7</sup>. A ocupação do último andar é decidida depois da intervenção de uma estudante que assimila Nanterre ao Vietname e os estudantes a guerrilheiros do FLN. Apesar da discordância o estudante franco-alemão reaparece no último andar ocupando na mesa dos professores um lugar cimeiro perto da porta. Outro estudante real, Jacques Tarnero, tem também durante a ocupação da sala de reuniões uma posição ponderada ao protegê-la de degradações e eventuais pilhagens. Igualmente comedida é a intervenção de Dany quando defende a presença do assessor Beaujeu que, em substituição do professor decano Grappin, veio assegurar-se que tudo estava a decorrer sem incidentes. O narrador não assumindo totalmente uma focalização interna do discurso relata os acontecimentos vistos por vários estudantes ao mencionar: «Segundo outras testemunhas»<sup>8</sup>. No texto, as várias intervenções dão lugar simultaneamente a aplausos e contestações. Durante a ocupação da sala do Conselho são criadas durante a noite de 22 de março quatro comissões onde são discutidas questões relacionadas com a política e a vida dos estudantes: « Comissão I: o capitalismo em 1968 e as lutas operárias.

7 «Modéré même dans la modération» (Merle, 2008, p.396).

8 «D'après d'autres témoins» (Merle, 2008, p.430).

Comissão II: A luta anti-imperialista. Comissão III: A Universidade e Universidade crítica. Comissão IV: Lutas operárias e lutas estudantes nos países de Leste.» (Merle, 2008, p.516). A ideia de um debate em torno das lutas nos países do bloco comunista é contestada por Jaumet, militante da UEC, para quem, salvo quatro ou cinco estudantes que nomeia (Ben Said, Godchau, Krivine, Cohn-Bendit) dispndo de “bases teóricas”, os restantes só conhecem o marxismo-leninismo por ouvir dizer<sup>9</sup> e são incapazes de elaborar uma análise.

A ação política dos estudantes tal como descrita por personagens em *Derrière la vitre* consiste em desqualificar o adversário. Assim, Jaumet descreve como se constitui uma “capela” política. Formada inicialmente por divergência política séria, assume como principal tarefa demarcar-se de outra capela em vez de agir contra o imperialismo. Esta personagem parodia o discurso de forma truculenta: «nós possuímos a verdade e tu és um esterco, um lixo, um traidor, um chui gaulista, não percebeste nada de Marx, vamos te partir o focinho, estafermo...»<sup>10</sup>. O mesmo Jaumet valoriza os estudos e dá como modelo e exemplo dirigentes políticos e ideólogos que estudaram em «universidades burguesas»: «Karl Marx defendeu uma tese de filosofia na Universidade de Berlim, Lenine passou exames de direito na Universidade de S. Peterburgo. Trosky em Odessa. Mao era bibliotecário ajunto na Universidade de Pequim. Fidel Castro é doutorado em direito...» (Merle, 2008, p.178).

Desqualificar quem não pensa da mesma maneira passa não só pelo insulto, como vimos precedentemente, mas também pela insinuação e a calúnia. Com efeito, as acusações no jornal do PCF, *L'Humanité*, retomadas por uma trotskista acusam Cohn-Bendit de “ser pago”, sem especificar por quem, variável consoante o rumor, os serviços secretos alemães ou a CIA.

Descobre-se no romance a existência de cinco grupúsculos ativos em Nanterre: dois trotskistas, dois maoistas e um anarquista, sem contar os estudantes comunistas (Merle, 2008, p.77). O que une os vários grupos é o apoio aos vietnamitas do Norte. A própria posição do Partido Comunista Francês mudou em poucos meses e do slogan «Paz no Vietname» passou para «F.L.N. vencerá».

O romancista relata o difícil encontro entre duas personagens, David, o estudante revolucionário anarquista, e Abdelaziz, operário argelino da construção civil, que está no exterior, do outro lado do vidro - daí o título da obra - apesar do desejo de comunicar de jovens com a mesma idade. Além da condição social, são também as aspirações do argelino e os preconceitos

9 «ils ne connaissent le marxisme-léninisme que par ouï-dire» (Merle, 2008, p.517).

10 « nous, nous possédons la vérité, et toi, tu n'es qu'un fumier, une ordure, un traître, un flic gaulliste, tu n'as rien compris à Marx, nous allons te péter la gueule, salaud...» (Merle, 2008, 168).

ideológicos do francês que os separam. Ao descobrir que Abdelaziz tem por objetivo passar exames para seguir uma formação de torneiro, David pensa que este tem aspirações «pequeno-burguesas». Brigitte fica surpreendida ao conhecer o jovem argelino como se este viesse de outro planeta.

Estou contaminada por David. E David, mesmo recusando-o, está do lado do obreirismo. Oh! Justificou-o por questões marxistas. Dirá: a força motora da transformação da sociedade não são os estudantes, mas os trabalhadores. Mas isto é a atitude teórica. [...] Na realidade, David sente um respeito quase religioso pela classe operária.<sup>11</sup>

A personagem de David representa a posição anarquista que terá grande influência no movimento inorgânico de 68, comparando ideologias a dogmas religiosos ao tentarem encontrar soluções em livros proféticos que ditam normas de conduta e estratégias políticas.

Seja Marx, Trotsky ou Mao: sempre Deus, sempre a Bíblia. Não saímos daí. Sempre que uma escolha deve ser feita, como nesta noite, em vez de se examinar a situação, precipitamo-nos: o que diz o LIVRO? Citamos um versículo, interpretamo-lo e está tudo dito. A verdade está aí no altar.<sup>12</sup>

Para David, segundo Brigitte com quem conversa, o socialismo é uma tirania exercida em nome do povo. A inteligência crítica do estudante é tal que “devora” progressivamente os seus próprios pais: «Marx, Freud, Marcuse, Althusser» (Merle, 2008, p.370).

A parte final do romance culmina com a entrada na sala do Conselho de Xavier Langlade, preso dois dias antes por estar nas imediações da *American Express* vandalizada em sinal de protesto contra a guerra do Vietname. A libertação deste desmobiliza os estudantes que tinham ocupado a torre em solidariedade, não sem ter antes redigido uma moção lida por Cohn-Bendit que apela à continuação da luta no dia 29 de março e que é aprovada por larga maioria. A moção votada pelos cento e cinquenta estudantes, dos quais só metade tinha até então vagos conhecimentos políticos, iria fazer duplicar os efetivos dos grupúsculos na opinião de David.

O epíteto da edição de 1978 do romance de Raymond Jean, *Les Deux printemps*, comporta uma introdução do autor e a lista de documentos utilizados na montagem da obra em anexo. O prefácio reconhece o pouco sucesso que teve a obra quando lançada em 1971, talvez devido ao facto de o autor estar simultaneamente sob a influência do *Nouveau roman* e ter entrado recentemente para o PCF sem adotar uma certa ortodoxia literária e política, sendo inclusive acusado, autor e obra, no jornal comunista *L'Humanité* de «instabilidade política».

A diegese do romance começa durante uma visita do narrador, professor universitário de História, a Praga, em 1969, um ano depois do fim da Primavera checoslovaca. Uma analepse

---

11 « Je suis contaminée par David. Et David, même s'il s'en défend, il tombe dans l'ouvriérisme. Oh, il le justifie par des raisons marxistes. Il vous dira : la force motrice de la transformation de la société, ce ne sont pas les étudiants mais les travailleurs. Mais ça, c'est l'attitude théorique. [...] En fait, David ressent un respect quasi religieux pour la classe ouvrière. » (Merle, 2008, p.226).

12 «Que ce soit Marx, Trotsky ou Mao : toujours le Bon Dieu, toujours la Bible. On n'en sort pas. Dès qu'un choix est à faire, comme ce soir, au lieu d'examiner la situation concrète et d'imaginer la stratégie on se précipite : que dit le LIVRE? On te cite un verset, on te l'interprète et c'est fini. La vérité est là, sur l'autel.» (Merle, 2008, p.369).



narrativa permite-nos regressar, na parte central do romance<sup>13</sup>, à noite das barricadas em Paris de 10 para 11 de maio de 1968 (p. 95-184). O narrador acompanha, no apartamento de estudantes, através da rádio o desenrolar dos acontecimentos. Assim, pela primeira vez na história de França ouvintes podem, tal como narra o próprio romancista, assistir em direto ao que se passa na capital graças a repórteres que se encontram nos lugares dos confrontos entre estudantes e forças de segurança. Revelam-se primeiro os acontecimentos na emissora pública *France Inter*, mais vigiada pelo poder gaulista tal como a televisão pública ORTF, e depois numa estação de rádio privada, *Europe N°1*, emitindo do exterior da França, que tinha conquistando anteriormente o público juvenil com a criação em 1959 do programa de música pop francesa *Salut les copains*. A segunda parte do romance começa com a entrada do narrador na sala de estar onde descobre publicações periódicas e livros que permitem traçar um perfil ideológico dos seus residentes: além do jornal *Le Monde*, lido e criticado, um exemplar de *L'Humanité nouvelle*, mensal de inspiração maoista, assim como obras de referência do ideário de esquerda e de extrema-esquerda: *Sociologie d'une révolution* de Franz Fanon<sup>14</sup>, publicado pelas edições Maspero, *Black boy* de Richard Wright, Para completar a descrição vêem-se cartazes nas paredes: um deles com ideogramas chineses, outro manuscrito com o apelido do ministro do Interior associado à sigla da polícia de intervenção: "Fouchet=C.R.S.=S.S." (Jean, 1978, p. 97)<sup>15</sup>, assim como uma fotografia de Che Guevara a conversar com Fidel Castro. Duas páginas depois nova descrição referindo a presença na parede de uma fotografia de Lenine recortada de uma publicação. Intercalado entre as descrições da assoalhada surgem reproduzidos excertos de textos de Guevara, *Le Socialisme et l'homme à Cuba*, de 1965 (Jean, 1978, p. 98) e de Louis Althusser, *Lénine et la philosophie*, redigido em 1968 (Jean, 1978, p. 100), e outro de Gorki sobre Lenine na página seguinte. Enquanto o narrador observa a fotografia entram Blandine e Clément que vai buscar um aparelho de rádio pouco depois. Finalmente junta-se ao grupo um outro jovem casal que, segundo palavras endereçadas por Blandine ao narrador, são do PCF. No transístor ouve-se uma voz apressada descrevendo a cena de uma barricada rua Le-Goff erguida rapidamente por jovens enquanto as forças da ordem ocupam as imediações do Panthéon e da Sorbonne. Duas páginas adiante, o relato é feito por vários repórteres que falam de barricadas erguidas noutras seis ruas do quartier Latin. Este "filme sonoro dos

---

13 A II parte intitula-se « La nuit du 10 au 11 mai 1968 en France ».

14 Franz Fanon foi muito lido pela geração que tinha vinte anos em 1968, sobretudo *Peau noire, masques blancs* e *Les Damnés de la terre*, de 1961, assim como *Les Armes miraculeuses*, de Aimé Césaire e *Le Portrait du colonisé* de Albert Memmi, como indica Pierre Rosanvallon em *Notre histoire intellectuelle et politique 1968-2018*. Os três autores referidos constituem o substrato ideológico anticolonialista dos jovens militantes da década de 60.

15 Mais comum e popular é o slogan "CRS=SS" que encontramos inclusive como título de uma série de quadros de Júlio Pomar.

acontecimentos” como refere o autor (Jean, 1978, p.113) é interrompido para dar a palavra ao reitor da Universidade de Paris. Apesar do narrador registar, com satisfação, o que designa por emancipação dos jornalistas da rádio pública que “tomavam gosto às barricadas”<sup>16</sup>, uma das estudantes presentes declara que seria preferível ouvir as estações privadas periféricas<sup>17</sup>, Radio-Luxembourg ou Europe N°1. Nesta emissora o repórter de microfone no meio dos estudantes traz aos ouvintes informações mais detalhadas. A voz que descreve o material usado para construir a barricada é coberta pelos gritos, ruídos de ferro e de pedras. Mais adiante o jornalista relata as cargas policiais, os coquetéis molotov, os gases lacrimogéneos, a solidariedade dos moradores - sobre a qual insiste - lançando das janelas mantimentos e água. Ouve-se esporadicamente *A Internacional* e *A Marselhesa*. A dada altura do direto, a voz de Cohn-Bendit vem desmentir rumores de negociações em curso com as autoridades universitárias. Esta intervenção desencadeia na sala de estar um protesto por parte do estudante comunista que considera o líder estudantil um agente provocador que tenta desviar as atenções do «verdadeiro combate *político*» contra o poder (Jean, 1978, p.125). O que motiva uma altercação com Clément que apoiava as palavras e ação do líder estudantil. O narrador despede-se dos estudantes apesar de se sentir bem no meio deles, no «meio das barricadas», registando com agrado: «Batíamo-nos juntos contra os polícias». A transmissão radiofónica abolira de certa forma a distância e não simplesmente mediara os acontecimentos. Raymond Jean retrata, assim, nesta parte central do romance a dramaturgia e cenografia que largos milhares de franceses, nomeadamente estudantes que esperavam as declarações das autoridades políticas e universitárias, seguiram em direto através da rádio<sup>18</sup>. De simples meio de informação, a rádio passou nesta noite de 10 de maio a protagonista e desencadeadora de protestos.

Muito diferente é o romance de Pascal Lainé, *L'Irrévolution*, publicado em 1971, por um jovem autor de vinte e nove anos e, por conseguinte, geracionalmente mais próximo das inquietudes, dos desejos, das ideologias dos estudantes de 68. Contrariamente aos romances de Merle e de Jean os acontecimentos do movimento estudantil são simplesmente aflorados em rápidas analepses. O narrador-personagem, ainda estudante na altura da revolta, assistiu a assembleias gerais, ouviu discursos, falou e gritou muito, chegando a pensar que surgiria daí o «homem novo» salvador (Lainé, 1971, p.35). Neste sentido, o título, um neologismo construído a partir do termo “révolution” ao qual foi adicionado um prefixo privativo tem em si valor de programa ou melhor de

---

16 «J'avais l'impression que les journalistes d'Inter s'émancipaient de plus en plus et prenaient goût aux barricades » (Jean, 1998, p. 115).

17 Assim designadas por se encontrarem na periferia do território francês.

18 Cf. nomeadamente Laurentin, 2008, p.287-288.

um não programa que funciona como horizonte de expectativas para o leitor. A revolução neste romance foi o que não aconteceu depois de meses de festa revolucionária e de esperança na qual a personagem central se dissolve e, pela primeira vez, acredita numa experiência política de entrega e de fé<sup>19</sup>. No fim da primavera, parte de uma geração mergulhou no desespero e no desalento do quotidiano da «irrevolução». Sentimentos que se encontram revelados na segunda metade da obra e que justificam o título.

É este o meu mal; e talvez, como se diz, o «mal do século»; é a *irrevolução*: é o movimento contraditório de uma inquietude e de uma crítica tão profundas, tão totalizadoras talvez, que elas próprias não escapam ao seu próprio ácido, e que se dissolvem ao se refletirem sobre elas próprias, que se apagam.<sup>20</sup>

Este «mal do século», que é também uma referência aos românticos saídos da Revolução Francesa e das guerras napoleónicas, não afeta somente o narrador e alguns jovens, mas estende-se a toda a uma geração de estudantes.

Não sou o único da minha espécie. A irrevolução, vivemo-la todos assim, em maio de 68. Fizemos a irrevolução, não a revolução, por que nenhum dos que a devia fazer, a revolução, por que nenhum de nós esperava aí encontrar a sua satisfação.<sup>21</sup>

O narrador, jovem professor de filosofia, desde setembro de 1968, num liceu técnico e profissional do norte da França, rejeita um modelo de ensino «às mãos da burguesia» (Lainé, 1971, p.65) que visa transmitir o gosto pela ordem, pelo trabalho silencioso e selecionar a «elite do proletariado (ibid.) Tem também por objetivo condicionar os alunos a não terem expectativas muito altas. Verificando que o programa de filosofia e o estudo de autores encontram-se pouco adaptados aos alunos, o jovem professor prefere promover debates sobre questões contemporâneas. Tenta com eles num processo maiêutico refletir sobre a política e maio de 68.

- O que é um comunista?
- É um extremista.
- O que entendem por «extremista»?
- Um comunista não possui nada. Não tem nada a perder. Vimos isso em maio, tudo é permitido.
- O que é que pensam de maio?
- A primeira semana foram as reivindicações, depois foram os partidos políticos.<sup>22</sup>

19 «J'avais cru, pour la première fois. J'avais trouvé la grâce au coin du boulevard Saint-Michel et de la rue Soufflot. Soudain ! Je m'étais confondu, perdu, avec une angoisse délicate, dans le flux et le reflux de la foule étrange ; pour la première fois étrange, en blanc, en noir, à l'encre de Chine, au fusain, sous la plume et le pinceau visionnaires, fantastiques, de l'insurrection.» (Lainé, 1971, p.35).

20 «C'est cela mon mal; et peut-être, comme on dit, le « mal du siècle»; c'est *l'irrévolution*: c'est le mouvement contradictoire d'une inquiétude et d'une critique si profondes, si totales peut-être, qu'elles-mêmes n'échappent pas à leur propre acide, et qu'elles se dissolvent dans leur réflexion sur elles-mêmes, qu'elles s'effacent.» (Lainé, 1971, p. 143).

21 «Je ne suis pas le seul de mon espèce. L'irrévolution, nous avons été tous à la vivre ainsi, en mai 68. Nous avons fait l'irrévolution, non la révolution, parce que nul de ceux qui devaient la faire, la révolution, parce qu'aucun de nous n'espérait y trouver vraiment son assouvissement.» (Lainé, 1971, p. 143).

22 «- Mais qu'est-ce qu'un communiste?

1. C'est un extrémiste.
2. Qu'entendez-vous par « extrémiste »?
3. Un communiste ne possède rien. Il n'a rien à perdre. On a vu ça en mai, tout est permis.
4. Que pensez-vous de mai?
5. La première semaine c'étaient les revendications, après c'étaient les partis politiques.» (Lainé,

Constantemente na diegese sente-se um desfasamento entre o narrador e as outras personagens, sejam elas da província ou de Paris. Encontra-se, tal como o estudante de Merle, atrás do vidro. O trabalhador imigrante é aqui substituído por filhos de operários, de empregados de escritório, de pequenos comerciantes. Mas também, se encontra distante da burguesia à qual pertence pela família.

Através da leitura destes três romances tentamos constituir o retrato político e ideológico de uma geração nascida em pleno *baby-boom* e que tem cerca de vinte anos quando têm lugar os acontecimentos de 1968. Para além das notáveis diferenças entre personagens, sejam elas reais ou ficcionais, surge um fresco sensível que nos permite melhor conhecer o que foram as paixões pelas ideias há cinquenta anos num país, a França, que parecia sonolento, aborrecido de se si mesmo como referido num célebre artigo de Paul Viansson-Ponté no *Le Monde* de 15 de março de 1968.

### **Bibliografia**

Combes, P. (2008). *Mai 68, les écrivains, la littérature*. Paris, L'Harmattan.

Cohn-Bendit, D. (1988). *1968: A Revolução que tanto amámos!* Lisboa, Publicações Dom Quixote, Lda.

Cohn-Bendit, D. (2008). *Forget 68*. La Tour d'Aigues, Éditions de l'Aube.

Jean, R. (1978). *Les Deux printemps*. Paris, Éditions du Seuil, 10/18.

Joffrin, L. (1998). *Mai 68. Histoire des Événements*. Paris, Édition du Seuil, Points.

Lainé, P. (1971). *L'Irrévolution*. Paris, Éditions Gallimard.

Le Goff, J.-P. (2006). *Mai 68, l'héritage impossible*. Paris, Éditions la Découverte/Poche.

Laurentin, E. (2008). «Le transistor à l'écoute de la rue». In Artières, P. e Zancarini-Fournel,

M. (dir.). *68, Une histoire collective [1962-1981]*. Paris Éditions la Découverte. p.285-290.

Loyer, E. (2008). *Mai 68 dans le texte*. Editions Complexe.

Merle, R. (2008). *Derrière la vitre*. Paris, Éditions Gallimard/Folio.

Rosanvallon, P. (2018). *Notre histoire intellectuelle et politique 1968-2018*. Paris, Éditions du Seuil.

---

1971, p.95-96).

Weber, H. (1998). *Que reste-t-il de mai 68? Essai sur les interprétations des événements* ». Paris, Éditions du Seuil – Points.